

A RETOMADA DO CONCEITO DE MEDIAÇÃO FRENTE A INTERVENÇÃO NEOLIBERAL DA EDUCAÇÃO

Carolina Gabriella Monteiro dos Santos ¹
Márcio Luís Marangon ²

RESUMO

A educação na contemporaneidade está marcada por uma larga intervenção do sistema neoliberal. Seja pela privatização das redes de ensino ou pela incrementação de sistemas de apostilamento, o papel da educação e, conseqüentemente, do educador vem sendo diminuído. Em relação a isso, dentre os principais problemas está o deslocamento do conceito de “mediação”, o qual, outrora, fora muito bem trabalhado por Vygotsky para apontar a importância do papel do educador na formação das novas gerações, e que, na atualidade, vincula-se à simples observação e apresentação de conteúdos, reduzindo a importância da figura do educador - como aquele que é capaz de formar e transformar - para mero transmissor de conteúdos. Com isso, o presente trabalho tem por objetivo refletir sobre as intencionalidades do sistema neoliberal para a educação e questionar qual deve ser o possível papel do educador frente aos desafios da contemporaneidade. Para trilhar este caminho, o trabalho será conduzido por meio de pesquisa básica, de cunho bibliográfico-hermenêutico, analisando autores como Dardot, Laval, Masschelein, Simons, Vygotsky e Freire, tanto para o esclarecimento conceitual e histórico como para esclarecimentos e indicações aos leitores.

Palavras-chave: educador, neoliberalismo, mediação.

INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo, a educação passou por diferentes transformações que modificaram o conceito de ensinar. De modo geral, a educação passou de Skholé - o desenvolvimento através da utilização do tempo livre - para um contexto de instrumentalização em favor da preparação de mão de obra para o mercado de trabalho. Para Dardot e Laval (2016), o contexto neoliberal, neste caso, foi um dos principais modeladores desta nova racionalidade, influenciando mudanças em todas as esferas da sociedade, inclusive na educação. Visando a elevação - e constante renovação - do sistema de capital, o sistema capitalista voltou seus olhares para a educação, percebendo que ali tinha uma ferramenta poderosa para efetivar as suas transformações necessárias.

1 Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, carolinagabriella8@gmail.com;

2 Doutor em Educação, Docente na Universidade Federal da Fronteira Sul, marcio.marangon@uffs.edu.br.



Na contemporaneidade, essas transformações ficaram mais evidentes: avaliações em larga escala, currículos adaptados à eficiência, materiais didáticos padronizados, entre outras ações, evidenciaram uma tentativa explícita de manipular a educação para a constituição de indivíduos aptos ao sistema de desempenho e à produtividade. Contudo, este cenário encontrava ainda um último entrave: o papel do educador.

Fundamentado no processo de condução do indivíduo ao saber (pensando aqui não no papel técnico do *paidagogos*, mas sim, na simbologia de sua condução), à leitura de mundo e à renovação social, o papel do educador se tornou um entrave aos planos neoliberais, por isso, tornou-se também alvo dos movimentos estratégicos do sistema. Primeiro, pelo desestímulo financeiro, afastando da profissão muitos daqueles que poderiam se tornar grandes profissionais. Depois, pela precarização de sua formação (ensino EAD e precarização das universidades presenciais), por fim, ainda percebendo resquícios de luta e resistência, passou a utilizar o cenário institucional de padronização para medir, governar, vigiar e punir ações dos educadores. Com isso, desloca-se um papel outrora de mediador do conhecimento para uma nova função: executor de currículos projetados para o controle do capital humano que deve, de maneira irracional e impulsiva, tornar-se empreendedor de si, defensor e propulsor do sistema.

Diante disso, este texto tem como objetivo retomar o conceito de mediação, problematizando-o a partir do seu uso na atualidade, buscando demonstrar que mediação não tem a ver simplesmente com uma “condução” passiva de conteúdos, antes sim, tem a ver com um processo de constante enfrentamento e desvelamento de mundo, capaz de renovar esperanças e construir novas possibilidades.

Para tanto, por meio de uma análise bibliográfica-hermenêutica, o texto fará um caminho reconstrutivo por autores como Vygotsky, defensor do conceito da mediação como intervenção que cria condições para a apropriação do conhecimento historicamente produzido; caminha por uma leitura da nova razão do mundo através de autores como Dardot e Laval e, por Masschelein que analisa, em defesa da escola, o que o sistema neoliberal fez com a escola e com os educadores.

METODOLOGIA

Quanto à natureza, trata-se de uma pesquisa básica, desenvolvida por meio de uma abordagem bibliográfica de cunho hermenêutico, com um percurso metodológico que se fundamenta na análise de obras selecionadas, tomando como eixo teórico as contribuições de



autores que discutem a mediação pedagógica, a formação humana e os efeitos da racionalidade neoliberal sobre o campo educacional.

REFERENCIAL TEÓRICO

Um dos conceitos mais “espinhosos” da educação é o conceito de “mediação”. Tão espinhoso que o árduo trabalho de Signates (1999) desfilou sobre perspectivas do conceito no decorrer da história, e por meio de autores dedicados a tal análise, para chegar ao final de seu estudo com a seguinte conclusão: “Ao final deste estudo, ainda permanece de certa forma a dúvida inicial, sobre o grau de precisão teórica e de aplicabilidade empírica do conceito de mediação” (Signates, 1999, p.46). Esta constatação se dá pela amplitude de relações do termo, mas também poderia ser pelas modificações que o termo foi absorvendo durante as eras.

Mesmo com esta dificuldade de definir com exatidão o termo, o mesmo é utilizado periodicamente pelos corredores das instituições de ensino e nos trabalhos científicos voltados às mais diversas áreas, inclusive a educação. Não que isso seja um equívoco completo, afinal, como o próprio trabalho de Signates aponta, o termo é amplo e pode ser vislumbrado em diversas áreas. Entretanto, ao utilizar o termo sem entender seus possíveis significados e apontá-lo para determinada ação profissional, pode causar alienações em relação à reflexão sobre a ação e suas devidas consequências. É o caso de quando o termo é utilizado na educação.

Um dos principais autores que utilizaram o termo mediação na educação, fora Vygotsky. Para este autor, a interação do homem com o meio sempre se dá de forma mediada, nunca direta. É a mediação ativa, pois, para ele, “nós nos tornamos nós mesmos através dos outros” (Vygotsky, 2000, p. 56). A esta frase deve ser dada muita atenção, pois ela não menciona “por mais que hajam”, ou “embora tenham” outros, mas sim “através dos” outros, o que deixa bem claro que ninguém aprende sozinho. A aprendizagem se dá no encontro, na relação com o “outro”, que exerce o papel de par mais apto, ou mais avançado em relação ao que está se relacionando.

Lembrando, é claro, que por par mais “apto” não significa alguém que simplesmente domina algo, mas sim, alguém que tem um papel determinante na formação do “Eu” porque consegue estabelecer uma ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal), ou seja, uma proximidade que apresenta o mundo de forma espontânea e que me permite avançar para uma profundidade científica. Assim, olhando para este aspecto do “outro” como mediador em Vygotsky, é possível entender que ele - mesmo não sendo o primor científico - não é alguém



passivo, não é um mero objeto “decorativo” no processo de aprendizagem, pois interfere nos próximos passos da construção cognitiva.

Logo, ao tomar este “outro” pela figura do educador, fica evidente a importância de seu papel. Não só porque ele faz parte do processo de ZDP, mas também porque, consciente de seu papel, ele deve entender a posição cultural e cognitiva de seus educandos e assim caminhar lado a lado com estes, sempre aproximando-os de seus próximos e possíveis passos. É uma ação consciente, individualizada (pois cada educando está em uma caminhada e possui uma relação cultural), que requer estudo e decisão de ser o melhor “outro” possível.

Olhando para o conceito de mediador em Vygotsky, é possível fazer um paralelo com o conceito do *paidagogos* grego, aquele que conduzia ao conhecimento. O *paidagogos* não era o conhecimento em si, não o detinha, mas conduzia o discípulo até o saber. Este papel não desmerece o pedagogo quando olhado pelo lado vygotkiano, antes sim, exalta o papel daquele que preza pela caminhada libertadora de seu educando. Pois, conduzir, de maneira ética e assertiva, também é uma escolha.

Embora fosse a função do *paidagogos* somente conduzir o discípulo, ele poderia ser displicente, perder-se pelo caminho, ou conduzir o discípulo por um caminho inoportuno, o colocando em perigo. Logicamente seria penalizado por isso, mas isso não significa que o discípulo teria a oportunidade de voltar atrás e ser reconduzido sem um trauma mínimo: após a má ação ser concretizada, ela tem consequências drásticas.

Por isso, o *paidagogos* como mediador não pode ser “qualquer um”. Precisa ser alguém consciente de seu papel, das consequências de suas ações bem governadas, ou de suas displicências. Ele precisa ser, por isso, dono de suas ações, exatamente como o mediador vygotkiano. Precisa conhecer a localização cognitivo-cultural daquele que está sob seus olhares para escolher o caminho mais adequado para a caminhada em direção ao conhecimento.

Isso diz muito sobre a educação, em resquícios que podem ser encontrados até meados da Idade Média, quando os educadores enviados pela Igreja às comunidades mais afastadas eram os responsáveis espirituais e culturais de seus educandos. Uma belíssima profissão, que tinha a ver com o cuidado de não se equivocar nos caminhos e locais escolhidos a partir da realidade em que estavam inseridos.

Porém, este olhar sobre a mediação ganha uma mudança drástica a partir da modernidade com a expansão liberal e, posteriormente, do pensamento neoliberal. Isso porque uma nova racionalidade de mundo se desenvolve a partir destas correntes políticas-econômicas, causando uma guinada no conceito de formação humana. Se outrora o



pensamento cosmopolita era o marco referencial da sociedade, e o pensamento constitutivo da humanidade era comum a todos, a nova forma de viver vai tornar a sociedade um espaço mais complexo, onde os objetivos são individualizados, ou, institucionalizados, exigindo uma constante guinada nas ações para adaptar-se à ebulição de transformações em velocidades jamais vistas.

Para compreender melhor esta ruptura, é importante situar-se um pouco no tempo. Há cerca de três décadas a atual racionalidade dominante, o neoliberalismo, impôs uma nova norma de vida, baseada em uma concorrência generalizada - de tal maneira que as relações sociais passaram a ser seguidas a partir do modelo de mercado. Dardot e Laval (2016, p.16) destacam que o neoliberalismo buscou conduzir e reorganizar profundamente a vida social, pois “[...] o que está em jogo é nada mais nada menos que a forma de nossa existência, isto é, a forma como somos levados a nos comportar, a nos relacionar com os outros e com nós mesmos”. A partir desse novo modelo, a forma de viver em sociedade se redefine e as relações sociais se enfraquecem para abrir espaço à individualidade, as desigualdades que antes eram um problema estrutural passam a ser justificadas como resultado do desempenho e do fracasso individual.

Os efeitos dessa racionalidade se manifestaram em múltiplas dimensões, além das relações sociais, agindo diretamente nas áreas das políticas públicas, na economia global e na educação: essa que passou a ocupar um lugar estratégico aos olhos do sistema neoliberal, contribuindo para que o saber deixe de lado seu valor formativo, para sustentar a utilidade econômica.

Desta forma, as instituições de ensino perderam a autonomia, tornando-se obedientes às exigências do mercado de trabalho. Nas palavras de Laval (2004, p.23), por exemplo, o neoliberalismo transformou a sociedade e, com isso, também a educação, que deixou de servir os valores sociais para servir “os propósitos de competitividade prevalentes na economia globalizada”. Essa mudança modificou a organização das instituições, bem como as práticas de ensino e seus responsáveis - os educadores.

A adequabilidade às demandas e a fluidez social transformaram o objetivo da escola, que passou a ser concebida como produtora de serviços, transformando-a em uma "empresa educadora", administrada conforme os princípios da nova razão do mundo e submetida à obrigação de apresentar resultados e inovações que preenchem as lacunas do sistema de capital. A escola passa a ser uma "organização flexível", deixando de lado seus objetivos clássicos, de emancipação política e desenvolvimento pessoal, “passando a servir imperativos da eficiência produtiva e da inserção profissional” (Laval, 2004, p.23).



Diante disso, a escola foi adaptada às novas necessidades a fim de proporcionar soluções à demanda mercantil e industrial de mão de obra. No novo contexto escolar, os indivíduos não são mais preparados para compreender melhor a sua existência, ou as necessidades da sociedade, mas sim, para “compreender melhor o sistema de produção e comercialização e utilizar as novas tecnologias” (Laval, 2004, p.41). Desse modo, não importa mais a quantidade ou a qualidade dos saberes adquiridos, mesmo se forem inúteis, pois “O que interessa é a capacidade do trabalhador de continuar aprendendo durante toda a sua vida aquilo que for útil profissionalmente” (Laval, 2004, p.72).

Ora, este modelo visivelmente coloca em contradição um ponto fulcral na relação da educação em sua origem (*Scholê*): que é a de servir como espaço de pensamento livre. Conseqüentemente, coloca também em contradição o papel do educador como *pedagogo*, como mediador de um processo evolutivo de conhecimento. O sistema neoliberal não depende mais destes dois fatores, mais do que isso, estes modos de existir da educação, e do educador, atrapalham os planos de um sistema que depende justamente do contrário, ou seja, de indivíduos que não compreendam a realidade, que não tenham capacidade de pensar livremente e que não tenham possibilidade ou desejo de evoluir cognitivamente - visto que isso se tornaria uma possível ameaça de compreensão e enfrentamento ao sistema.

Logo, se atrapalha o processo, se é um empecilho, a tendência seria dispensar estes serviços (escola/educador) e utilizar outras ferramentas de formação. Porém, eis um grande diferencial deste novo sistema econômico e político, que o torna uma racionalidade, como apontam Dardot e Laval (2016): é justamente a sua capacidade de adaptabilidade.

Em vez de aniquilar a escola e os educadores, o sistema neoliberal passa a utilizar os mesmos como ferramentas de seus interesses. A escola, como instituição, de modo mais fácil, pois passa a controlar seus currículos, suas alocações de recursos físicos, econômicos e humanos e as formas de avaliar tudo isso, sempre direcionando para seus interesses. Contudo, os educadores, não sendo uma instituição, tornam o trabalho de adaptação um pouco mais complicado, mas não difícil para um sistema em constante adaptação.

Por mais cruel que pareça pensar nesse sentido, o sistema neoliberal passa a reprimir a resistência dos educadores utilizando uma de suas técnicas sociais mais cruéis: a implementação da competitividade, regada a bonificações financeiras. Assim, colocando escolas contra escolas, exigindo resultados e premiando as que mais se adequam aos seus objetivos, o sistema neoliberal foi induzindo os professores a deixar de lado seu papel fundamental de condução, para ir desenvolvendo nestes o papel de replicador. É uma inversão profunda do conceito de mediação.



O conceito que significava a ação de condução das novas gerações, a intermediação da cultura, passa a ser visto como uma simples função de replicar conhecimentos pré-definidos e garantir que as novas gerações acessem exatamente os modelos desejados pelo sistema, e se adequem a eles.

Uma das ferramentas mais exemplares (para demonstrar esta guinada) vem ganhando ampla adesão dos espaços públicos - vinculados aos modelos neoliberais: trata-se da implementação do sistema de apostilados. Conforme Ortiz, Denardin, Neto (2021, p.16),

Nesse cenário, retira-se do professor o papel de planejamento, de reflexão crítica e de decisão de o que abordar durante o ano letivo, além de induzi-lo a trabalhar com as sugestões dos materiais para evitar problemas com a gestão escolar. Além disso, por meio dos cursos de formação continuada e de um efetivo marketing das empresas, elas conseguem, aos poucos, legitimar sua imagem de sistema educacional de qualidade, influenciando os professores a acreditarem que seu uso vai necessariamente acarretar em uma melhora nos processos de ensino e de aprendizagem. Dessa forma, afastados de determinadas funções intelectuais do processo educacional, os professores se assemelhariam ao modelo de profissional técnico que se limita a aplicar métodos de ensino para os objetivos educacionais determinados externamente. Assim, sua liberdade para trabalhar dentro da sala de aula está sempre restrita a um contexto organizacional que já lhe foi imposto, caracterizando sua autonomia como ilusória.

Esta passagem é importantíssima para perceber a contradição: se em Vygotsky (2000), por intermédio do educador - um indivíduo consciente de suas ações e por isso sabedor de sua não neutralidade (Miranda, 2010) - as significações do mundo vão se tornando mais próximas e são apropriadas pelo indivíduo, no modelo neoliberal, o educador passa a ser afastado de suas funções intelectuais e passa a ser replicador de sistemas voltados para os objetivos do neoliberalismo.

Fato que tem consequências sérias na educação, dado que: se no sistema consciente de mediação pensado por Vygotsky há o cuidado do entendimento da posição do educando para a constituição de sua ZDP, e seu avanço contínuo na construção de saberes, no sistema neoliberal de ensino, onde o que se anseia é a constituição da capacidade do trabalhador de aprender apenas o que for útil profissionalmente, não importa a posição sócio-cognitiva do educando, apenas se ele consegue decorar as informações tidas como necessárias pelo sistema, que busca validar estas informações através de avaliações de larga escala que não leva em consideração, nem a utilização das informações, e nem a capacidade de liberdade de pensamento, apenas adaptação ao sistema (de educadores e educandos).

Mesmo assim, na contemporaneidade, é comum observar inúmeros trabalhos utilizando o conceito de mediação na educação como algo ainda positivo, visivelmente



fugindo da reflexão da guinada do sentido do conceito e das consequências severas que isso tem para a formação das novas gerações e para o próprio educador.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até este momento, buscou-se demonstrar como o conceito de mediação tem uma perigosa guinada no decorrer dos séculos, passando de um sentido condutor na Grécia Antiga, de um sentido consciente e muito importante nas obras de Vygotsky, para um sentido “decorativo” e depreciativo na contemporaneidade, fruto de uma guinada na racionalidade que conduz o sistema político-econômico, atualmente dominado pelo neoliberalismo. Mas como isso impacta o ser do educador e quais as alternativas possíveis?

Para responder a estas questões, é importante vislumbrar outros caminhos que tragam as preocupações até aqui apresentadas. A começar pelas análises de Masschelein e Simons (2014, p.81), os quais apontam que os processos de uma certa “domesticação” da escola e do trabalho docente na contemporaneidade são algo presente porque o educador sempre desestabiliza a ordem estabelecida, a suspendendo ou a tornando inoperante de alguma forma.

Assim, não é surpresa que tanto a escola quanto o professor tenham sido confrontados desde o início com tentativas de domá-los. E, também nesse caso, podemos falar de uma estratégia global. Essa estratégia consistia e consiste em neutralizar ou “profissionalizar” a dupla relação de amor, ou em transformá-la em uma relação de obediência, como na era moderna – isto é, transformando um escravo liberto em escravo real (o funcionário público escravo do Estado, o escravo da fé da religião, o escravo doméstico da economia) – ou por transformá-la em uma relação contratual, como acontece cada vez mais hoje em dia – ou seja, transformando o escravo liberto em um serviço profissional ou um “flexível” empregado autônomo e pessoa empreendedora. Os professores foram/são transformados em funcionários civis, prestadores de serviços, empregados/trabalhadores e empresários e, nesse aspecto, tornam-se “profissionais” ocupando posições claras e inequívocas na ordem social.

Assim, voltando para a questão do termo “mediador”, diante de como o educador é tratado na contemporaneidade, o termo pode esconder uma carga de desertificação da função do educador, levando a entender que o simples transmissor de conteúdos e atividades não tem um valor social e pedagógico devido. O valor do seu esforço é elevado, como no caso dos sistemas de apostilado, para a empresa que organiza o material, que “seleciona” a cultura. A ela, a “empresa” de capital, é que eleva-se o papel ativo de “mediação”. Mas por que isso acontece?



Talvez uma das respostas esteja na pesquisa de Ortiz, Denardin, Neto (2021, p.16), quando estes afirmam:

Como os próprios professores afirmam em sua defesa, o sistema facilita o seu trabalho, ou seja, a falta de liberdade é mais fácil, tira-lhes a responsabilidade da reflexão e torna a sua função mais confortável. Inconscientemente, enganam-se a si próprios e aceitam o exercício de uma função mais simples, acrítica e tecnicista devido ao conforto intelectual que essa posição lhe proporciona. Assim, são os próprios docentes, submissos ao sistema, que dão força, sustentam e permitem que a empresa cresça e se fortaleça.

Logo, é possível perceber que há uma perigosa interpretação circulando por entre espaços de formação, onde acredita-se que - devido à baixa remuneração e às precárias condições de trabalho dos profissionais da educação - não cabe mais ao educador preocupar-se com a totalidade da formação. Desta forma, em vez de lutar contra o sistema opressor, os educadores passam a aceitar - na maioria das vezes cansados da luta, ou até mesmo isolados nas batalhas contra o Status Quo - aquilo que lhes proporciona “conforto intelectual”, submetendo-se ao sistema e dando forças para a confirmação de suas ideias.

Mais perigoso ainda é que esta interpretação está adentrando pouco a pouco nas rasas análises do conceito de “mediação” que circula pelas unidades de formação, até mesmo nas universidades, bem como nos contextos sociais que se debruçam para dialogar sobre a formação. Nestas análises rasas, não é raro ouvir que o educador precisa ser “neutro”, “despolitizado”, que suas ações precisam simplesmente transmitir cultura sem colocar seu “ponto de vista”, como se fosse possível a um ser humano dissociar-se de sua leitura de mundo intrínseca ao seu ser.

Por isso, é importante retomar Freire e tentar encontrar feixes de luz para enfrentar o problema. Aliás, tanto em Freire quanto em Vygotsky, a educação é ato de reconstrução do saber, nisso “encontram-se” também a importância do papel do educador, um intelectual transformador, responsável pela educação e pelo desenvolvimento consciente de seu educando. Por isso, é importante compreender que para ambos “mediar” o mundo não é um papel figurativo, pois “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 1996, p.25).

Se não é um papel figurativo, não pode ter um papel de neutralidade. E aqui está, usando uma palavra que o próprio Freire gostava de mencionar: a boniteza de pensar a ação do educador e não sua passividade - “Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra” (Freire, 1996, p.38). Assim, Freire pensa que um espaço pedagógico só será neutro quando tem o objetivo de treinar os alunos para práticas apolíticas, ou seja,



quando a ideologia dominante quer impedir que a educação e o educador exerçam de fato o seu papel.

A prática docente, por seu contexto ético, é, para Freire, profundamente formadora. Por isso, percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que vive a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo (Freire, 1996, p.15). Daí, para o autor, a impossibilidade de um educador tornar-se crítico torna-o apenas um memorizador, um repetidor cadenciado de frases e de ideias.

Assim, fica evidente que o conceito de professor mediador não pode ser em Freire - assim também como não podia ser em Vygotsky - apenas um observador, um transmissor de conhecimento, alguém - trazendo para a contemporaneidade - que é transformado em um replicador de apostilas. Porém, tal evidência não parece estar tão clara no contexto escolar atual, e eis o perigo para a educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, partindo de uma concepção de mediação presente na Grécia antiga, e posteriormente na teoria histórico-cultural vygotskyana, que evidencia a compreensão da mediação como uma ação consciente, ativa e humana, foi possível problematizar o tema da “mediação” no campo educacional, destacando como o seu significado foi transformado e impactado historicamente pela racionalidade neoliberal, que ainda é dominante na contemporaneidade.

Conforme apresentado no texto, a consolidação do sistema neoliberal provocou mudanças radicais no contexto educacional, em que, ao se submeter à lógica da eficiência e da competitividade como utilidade econômica, a escola transformou-se em um instrumento de adaptação do mercado, em que, cada vez mais, o educador passa a ter um papel como executor de currículos, forçado a uma função padronizada, com normas que descaracterizam a tarefa pedagógica, reconhecida historicamente por ser comprometida com a formação transformadora.

Com isso, longe do ideal de poder exercer um papel atuante como protagonista intelectual e cultural da formação, o educador passa a receber um papel “figurativo”, desvinculado da reflexão crítica, e exposto a processos de desertificação e desvalorização de seu trabalho docente. Mais preocupante ainda, em meio a este processo, é que já há resquícios - e não pequenos - de aceitação desta nova racionalidade.



Por isso, buscou-se elaborar o passado do termo para retomar o sentido da escola e da docência, lembrando que - assim como mencionam Masschelein e Simons (2014) - o ambiente escolar precisa ser um espaço de igualdade e tempo livre, onde as gerações possam experimentar e serem capazes de refletir e recomeçar. Essa definição reafirma que a “mesa da escola” não pode ser um espaço comercial ou negociável, mas um lugar onde o educador encoraja, estimula e incentiva o educando ao saber.

Assim sendo, retomar o conceito de mediação também é compreender, a partir da teoria de Freire (1996), que a docência como uma prática educativa não pode ser interpretada como neutra, pois mediar o mundo é criar possibilidades para que o educando possa transformar a realidade em que está inserido, em outras palavras, é assumir a responsabilidade pela formação humana.

Portanto, valida-se a necessidade de defender a escola como um espaço público de formação, sem uma lógica mercantil se beneficiando por trás, para além da sua função instrumental. Um lugar onde o conhecimento possa ser apresentado, questionado e ressignificado, onde o educador possa ser mediador no sentido consciente, protagonista, comprometido e responsável por uma prática social transformadora. Em uma era de intensificação da racionalidade neoliberal, defender a escola nesse contexto é afirmar sua força como prática de resistência, de análise e formação crítica, protegendo e defendendo a escola e a dignidade do trabalho docente.

REFERÊNCIAS

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa**: o neoliberalismo em ataque ao ensino público. Londrina: Planta, 2004.

MASSCHELEIN, J.; SIMONS, M. **Em defesa da escola**: uma questão pública. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MIRANDA, M. I. **Conceitos centrais da teoria de Vygotsky e a prática pedagógica**. Ensino Em Re-Vista, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/ER-v13n1a2044/2005-1>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2026.



ORTIZ, G.S., DENARDIN, L. and NETO, P.S. **Sistemas Apostilados de Ensino e autonomia ilusória**: reflexões à luz de José Contreras. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos [online]. 2021, vol. 102, no. 262, pp. 607-625. <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.102i262.4847>. Available from:

<https://www.scielo.br/j/rbeped/a/tkz3L8Gjyq4BSjCsR74WxZs/?lang=pt>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2026

SIGNATES, Luiz. **Um estudo sobre o conceito de mediação**. Novos Olhares, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 37-49, 1999.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, Lev S. **Psicologia concreta do homem**. Educação & Sociedade, vol. XXI, n.71, julho, 2000, pp. 21-44.

